Fronteiras Pré-Hispânicas e Ocupação da Terra: um traço básico para analisar a história ambiental do México nas épocas colonial e contemporânea*

Pre-Hispanic frontiers and land occupation: a basic feature to analyze the environmental history of México in colonial and more recent times

BERNARDO GARCÍA MARTÍNEZ
Centro de Estudios Históricos - El Colegio de México.

RESUMO A história ambiental está pouco desenvolvida no México. Apesar disso, foram produzidos estudos que originaram diversas generalizações ou paradigmas que gozam de grande aceitação. Tal ocorre, por exemplo, com a imagem de que uma das conseqüências mais notáveis e imediatas da conquista foi uma intensa deterioração da cobertura vegetal devido à criação de gado e à exploração florestal. Este artigo apre-

* Texto originalmente apresentado no Simpósio sobre História Ambiental. Instituto de Ecologia/ UNESCO. Xalapa, fev. 2001. Título original: *Pre-Hispanic frontiers and land occupation: a basic feature to analyze the environmental history of México in colonial and more recent times*. Tradução: Isabel Furtado Machado. Revisão técnica: Regina Horta Duarte.

senta evidências, procedentes de épocas e lugares distintos do período colonial, que permitem mostrar uma imagem distinta e até mesmo contraposta ao paradigma usualmente aceito. A conclusão não se propõe a apresentar um paradigma diferente, senão antes fazer notar a variedade e a complexidade que cabe esperar na história ambiental mexicana e, portanto, a improcedência de se construir, por agora, generalizações ou paradigmas de qualquer tipo.

Palavras-chave zonas despovoadas, reflorestamento, história ambiental

ABSTRACT Environmental history is not very developed in México, but some studies have provided generalizations or paradigms, which have been widely accepted. This occurs, for example, with the view that one of the most remarkable and immediate consequences of the conquest was an extensive deforestation due to the spread of livestock and forest exploration. This article presents some evidence from different places and occasions within the colonial period, which make it possible to shade light on a different and even contrary approach to the paradigm usually accepted. The conclusion do not propose a different paradigm, but intents to point out the variety and complexity to be expected from the Mexican environmental history and, therefore, the inconvenience of setting, at this moment, generalizations and paradigms of any sort.

Key words uninhabited zones, reforestation, environmental history

O propósito desse artigo é chamar atenção para algumas particularidades geográficas e históricas que devem ser consideradas na história ambiental mexicana.

A história ambiental está se desenvolvendo vagarosamente no México, mas alguns estudos têm sido bem sucedidos no tratamento de vários tópicos referentes aos períodos colonial e moderno em cada um dos grandes componentes da geografia desse país, a saber, do México Central, o Gradiente do Golfo, o Gradiente do Pacífico, a Cadeia Caribenha, a Cadeia Centro-Americana, e o Gradiente do Norte.[1] Esses estudos proporcionaram visões aceitáveis do mais relevante processo sócio-ambiental nessa parte do continente.

Embora os mais sérios e bem documentados desses estudos mostrarem evidências de um processo bem concreto e localizado,[2] há uma

1 Ver Bernardo García Martínez, "Regiones y paisajes de la geografía mexicana", en *Historia general de México: Versión 2000*. México, El Colegio de México, 2000, 25-92.

2 Sherburne F Cook, *The historical demography and ecology of the Teotlalpan*. Berkeley, University of California Press, 1949; Sherburne F Cook, *Soil erosion and population in central Mexico*. Berkeley, University of Califor-

tendência em extrapolar suas conclusões para outros lugares ou eventos comparáveis. Isso tem sido feito com maior ou menor propriedade, dependendo do caso, e nem sempre com a devida crítica. Todavia, tais generalizações têm sido usadas como base para construir um panorama global da história ambiental mexicana, no qual alguns paradigmas importantes estão tomando forma. Como por exemplo, apenas para mencionar dois deles, as afirmações de que as conseqüências marcantes da conquista espanhola foram a expansão do gado e o desmatamento e de que projetos colonizadores induziram uma transformação radical das planícies úmidas tropicais. Deve ser notado que a maioria desses paradigmas enfatiza as causas e o desenvolvimento da degradação ambiental.

A validade dessas generalizações pode ou não pode ser questionada, mas eu não vou entrar diretamente nesse assunto. Ao invés disso, vou produzir algumas evidências de processos divergentes daqueles que têm sido aceitos como paradigmáticos. Assim como aqueles previamente estudados, esses processos são muito concretos e localizados. Entretanto, eu não me proponho a extrapolar minhas conclusões para outros lugares e processos comparáveis; tampouco pretendo criar qualquer tipo de paradigma. No máximo, chamarei atenção para a necessidade de sempre levar em conta uma grande variedade de situações particulares com o objetivo de avaliar se as generalizações mais abrangentes são questionáveis ou não.

Alguns dos processos divergentes acima mencionados foram tratados por mim em outros ensaios e dois artigos publicados. O que eu farei agora é fornecer novos dados sobre casos adicionais e analisar alguns elementos que ligam todos eles em uma questão comum. Ilustrarei meus argumentos com uma série de mapas.

No primeiro desses artigos, "Los caminos del ganado y las cercas de las haciendas",[3] eu examino alguns eventos que aconteceram na bacia da Lerma Média, perto de Jerécuaro, no último quarto do século dezoito, quando vaqueiros encontraram suas rotas usuais repentinamente interceptadas por cercados construídos pelos donos de fazendas. O conflito se originou na tentativa destes últimos de sobrepor seus direitos de propriedade sobre os direitos de trânsito dos condutores. Havia mais por

---

nia Press, 1949; Jean Revel-Mouroz, *Aménagement et colonisation du tropique humide mexicain*, Paris, Institut des Hautes Etudes de l'Amerique Latine, 1972; Elinor G K Melville, *A plague of sheep: Environmental consequences of the conquest of Mexico.* Cambridge, Cambridge University Press, 1994; Alfred H Siemens, *A Favored Place: San Juan River Wetlands, Central Veracruz (a.D. 500 to the Present),* Austin, University of Texas Press, 1999; artigos de Chantal Cramaussel, María de la Luz Ayala, Alba González Jácome, en *Estudios sobre historia y ambiente en América: Argentina, Bolivia, México, Paraguay.* Bernardo García Martínez y Alba González Jácome, eds. México, El Colegio de México/Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1999.

3 Bernardo García Martínez, "Los caminos del ganado y las cercas de las haciendas: Un caso para el estudio del desarrollo de la propiedad rural en México", en *Historia y Grafía,* 5 (1995), 13-29.

trás deste cenário, entretanto, porque neste caso particular os direitos de trânsito eram mais antigos que os direitos de propriedade e não havia precedentes legais disponíveis, o que não era o caso nas áreas vizinhas. Pesquisas documentais deste evento forneceram o perfil de uma área de povoamento tardio, sem continuidade com os precedentes pré-hispânicos, no qual o padrão de povoação acabou sendo harmônico com a administração do gado, pelo menos até o momento que o conflito acima mencionado surgiu. Não havia invasão de pecuária sobre agricultura, mas sim da agricultura sobre a pecuária. Não é improvável que aqueles problemas do século dezoito estivessem relacionados à decadência do pasto e do solo ao longo de trilhas de gado, apesar de essa afirmativa estar por ser confirmada.

Somando a essas descobertas, minhas pesquisas recentes estão fornecendo algumas evidências de que a planície alta de Lerma, localizada exatamente sobre aquela já mencionada e a oeste do vale de Toluca, experimentou uma situação similar. Eu não encontrei controvérsias a respeito das trilhas de gado, mas os padrões de assentamento e de uso da terra se igualam àqueles do primeiro caso. De Atlacomulco a Temascaltepec del Valle (Valle de Bravo), através de San Felipe del Progreso e Malacatepec (Donato Guerra), a maioria dos *pueblos de indios*[4] foram estabelecidos em momentos relativamente recentes (não antes do século XVII) próximos de vilarejos de fazenda[5] mais antigos. A subsistência de encraves florestais também é notável, principalmente porque eles refletem uma tímida ocupação de terra até meados do século vinte. Alguns desses encraves atuaram, ou ainda estão atuando como refúgio da borboleta monarca (célebre espécie que realiza anualmente uma migração em direção ao Canadá).

Essas histórias e paisagens compartilhadas (tão naturais como humanas) são mais notáveis devido à sua locação. Caso fossem áreas marginalizadas, o seu povoamento tardio e tênue poderia parecer normal. Mas não é o caso. A área a oeste do vale de Toluca encontra-se dentro de uma área central no espaço inicialmente ocupado por civilizações mesoamericanas no planalto superior, exatamente entre os domínios do México e Michoacán. A bacia média de Lerma não tem preceden-

4 *Pueblo de indios,* ou simplesmente *pueblo*, é o nome dado, na época colonial, a cada uma das Corporações políticas autónomas, derivadas dos senhorios ou principados pré-hispânicos, que somavam em torno de 1500 em meados do século XVI em todo o conjunto mesoamericano. Cada *pueblo de indios*, como entidade política, tinha um corpo de governo próprio, uma delimitação territorial, e um número variável de assentamentos ou localidades habitadas. Ver Bernardo García Martínez, "La naturaleza política y corporativa de los pueblos de indios", en *Memorias de la Academia Mexicana de la Historia*, xlii (1999), 213-236.

5 Trata-se de assentamentos ou localidades habitados estabelecidos dentro dos limites de uma fazenda. Distinguiam-se dos assentamentos de *pueblos de índios* pela ausência de uma organização corporativa, mesmo que aparentemente pudessem ser muito semelhantes. Ver Bernardo García Martínez, "Los poblados de hacienda: Personajes olvidados en la historia del México rural", en *Cincuenta años de historia en México.* México, El Colegio de México, 1991, i, 331-370.

tes diretamente pré-hispânicos, mas a expansão espanhola assimilou a área antes de 1550, construindo sobre ela as fundações do Bajío, uma região privilegiada dentro do espaço colonial. Assim sendo, essas não são de forma alguma áreas marginalizadas: elas pertencem ao núcleo do México Central, ainda que eles forneçam uma imagem de alguma forma diferente daquela sustentada por outras fontes e contextos. Será apenas um retrato atípico dentro do paradigma geralmente aceito? Ou será este mais um dos retratos diferentes da história ambiental do México Central, muitos dos quais permanecem desconhecidos para nós?

No segundo desses artigos publicados, "El Monte de Mixtlan",[6] examino outros eventos que ocorreram no fim do século dezoito, mas dentro de um cenário cultural e ambiental bem diferente: o piemonte da serra da região costeira drenada pelo Tesechoacan, um afluente do rio Papaloapan, parte do que eu chamo de Gradiente do Golfo — um dos componentes básicos da geografia Mexicana. O caso envolvia um litígio entre dois *pueblos de indios* relativamente vizinhos, Tuxtepec e Sochiapa, devido aos seus direitos pretensos sobre uma larga extensão de áreas florestais entre eles. Pesquisas revelaram que as disputadas terras tinham sido território de um terceiro *pueblo*, Huaspaltepec, desintegrado após o colapso demográfico do século dezesseis. Então, a partir do século seguinte, a floresta cresceu sobre uma área que havia sido densamente povoada no passado. O que se deu não foi a ocupação humana apagando a paisagem natural, mas sim o oposto. A área disputada permaneceu despovoada durante muitos anos. A extração de madeira começou no fim do século dezoito apesar de não ter ocorrido colonização intensa até a introdução de redes ferroviárias e, mais recentemente, plantações de abacaxi. A característica dominante dessa área hoje é a moderna cidade de Playa Vicente.

Documentos adicionais atestam a existência de imensas florestas ou *montes* florescentes ao longo de grandes extensões do Gradiente do Golfo, durante o século dezessete. A história dessas áreas é bem similar à de Huaspaltepec, como pode ser atestado em Tzicoac e suas imediações, Comalteco, El Espinal e a antiga Chila, na faixa mais baixa da Serra de Hidalgo e da Serra Norte de Puebla. Lá, assim como em outros lugares, o processo de povoamento também foi descontínuo, e grandes áreas de *montes* ainda sobrevivem em espaços densamente povoados há três ou quatro séculos. Em alguns lugares específicos como Tenampulco, perto de Chila, uma característica adicional pode ser encontrada: a reocupação da terra no fim do século dezoito deu origem ao estabele-

6 Bernardo García Martínez, "El Monte de Mixtlan: Una reflexión sobre el contrapunto entre poblamiento y naturaleza en el México colonial", en *Estudios sobre historia y ambiente en América: Argentina, Bolivia, México, Paraguay*. Bernardo García Martínez y Alba González Jácome, eds. México, El Colegio de México/Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1999, 55-74.

cimento de *pueblos de indios* com povos de ascendência africana.[7] Fenômeno similar ocorreu em alguns pontos do Gradiente do Pacífico, bem ao sul do vale de Toluca.[8]

Há mais um caso, de grande importância, comparável a esses mencionados acima, exceto pelo fato de que, nesse caso, a ocupação pré-hispânica parece ter sido mais débil ou difusa. Eu me refiro a Córdoba, estabelecida em 1618 pelos espanhóis, dentro de uma área preferida pelos escravos negros fugidos como esconderijo pela sua acidentada e inacessível natureza. Apesar dos núcleos dessa área terem se tornado rapidamente integrados com as principais rotas de comunicação coloniais, o restante da área permaneceu dotado de encraves surpreendentemente irregulares, alguns dos quais sobrevivem até os dias de hoje. O mais interessante deles é a Serra Tlacuiloteca, adjacente a Córdoba pelo sudeste, cujas espessas florestas virgens permaneceram, até vinte anos atrás, uma das mais densas e impenetráveis florestas do Gradiente do Golfo. Foi ignorada pela colonização e pelos projetos de desenvolvimento, e a exploração florestal não foi significante. Não é mais assim. Ela continua impenetrável, mas agora a razão reside no controle mantido pelos cartéis de droga. A sua história ambiental mostra um claro contraste com as de suas áreas vizinhas, como a Serra de Zongolica, ao sul, ou às terras de produção de cana de açúcar imediatamente ao norte.

A Serra Tlacuiloteca é agora um encrave isolado, mas os casos acima mencionados não são de forma alguma excepcionais. Mais particularmente, áreas inabitadas cobertas com monte e florestas definiram algo como um cinto de Córdoba, a oeste, até a área de Huaspaltepec, a leste. Uma vez que a existência do cinto é percebida, não há grande dificuldade em encontrar suas permanências.[9] Parte tem origens pré-hispânicas; outra parte foi produto do colapso demográfico dos prematuros tempos coloniais. Previsivelmente, alguns dos mais significantes projetos de colonização dos séculos XIX e XX se deram nesse cinto. De qualquer forma, o que eu quero reforçar agora é a presença, mais uma vez, de histórias e paisagens compartilhadas (tanto naturais como humanas) que for-

7 Bernardo García Martínez, *"Pueblos de indios, pueblos de castas*: New settlements and traditional corporate organization in eighteenth-century New Spain", en *The Indian community of colonial Mexico: Fifteen essays on land tenure, corporate organizations, ideology and village politics*. A Ouweneel, S Miller, eds. Amsterdam, CEDLA, 1990, 103-116; Juan de Palafox y Mendoza: *Relación de la visita eclesiástica de parte del obispado de la Puebla de los Angeles (1642-1644)*. Bernardo García Martínez, ed. Puebla, Gobierno del Estado, 1997.

8 Brígida Von Mentz, *Pueblos de indios, mulatos y mestizos (1770-1870): Los campesinos y las transformaciones protoindustriales en el poniente de Morelos*. México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, 1988.

9 Além disso, ele continuou (e continua) a leste, em direção à antiga província de Xicayán e uma parte substancial do maciço de Tuxtlas, especialmente a Serra de Santa Marta, e depois em direção à bacia de Uspanapa. Mais a leste, há evidência da degeneração do espaço pré-hispânico como também experimentado na região de Maya, algo muito evidente em Acalán, e o ressurgimento de um cinto mais largo de população escassa (ou como era até os anos 1970) que se intromete entre as regiões da Cadeia Caribenha e as regiões da Cadeia Centro-Americana. Mas esse tema pertence a um contexto histórico diferente, uma geografia diferente, e se encontra fora dos temas tratados nesse trabalho.

necem uma imagem do Gradiente do Golfo que é, de alguma forma, diferente daquela sustentada por outras fontes e contextos. E mais uma vez, será este apenas um retrato atípico dentro do paradigma geral aceito? Ou é apenas um de muitos diferentes retratos da história ambiental das serras e das planícies tropicais, muitas das quais permanecem desconhecidas para nós?

Antes de continuar com esses comentários, no entanto, procederei com um exercício adicional: olhar todos os casos precedentes como um todo. Mais provavelmente, uma visão geral revelará mais a respeito do seu contexto histórico, geográfico e ambiental. Os resultados são realmente interessantes.

O primeiro passo é bem simples, desde que consiga juntar todos os mapas individuais em um único, global e compreensivo. Que relações podem ser estabelecidas eu explicarei depois; agora eu devo acrescentar três casos ainda não considerados. Todos eles possuíam paisagens peculiares; a ocupação da terra foi descontínua nos dois primeiros. O caso número um se refere à porção sul do Vale de Puebla, cuja história ambiental não é muito diferente daquela retratada na maioria geral dos trabalhos sobre o México Central exceto por um ponto: o Vale era inabitado até cerca de 1525. O caso número dois, muito relacionado com o anterior, apesar de diferente em muitos aspectos, é o Salado Poblano. O caso número três é diferente: a ocupação da terra não foi descontínua, mas a paisagem cultural permanece excepcional. Eu me refiro a um canto da Serra de Hidalgo, ou área do Tututepec. Qualquer um que esteja acostumado a viajar pela Serra sente uma mudança de qualidade quando entra nessa área. Os *pueblos* bem consolidados desaparecem e dão lugar a uma miríade de pequenos povoados, como se a presença colonial nunca tivesse sido presente. Rotas de comunicação, até mesmo as mais tradicionais, estreitaram-se. Algumas áreas indicam uma ocupação muito escassa e os locais relativamente inacessíveis são maiores que qualquer outro na região. Evidências documentais sustentam essa visão: nessa área a evangelização foi atrasada e superficial, os espanhóis eram quase ausentes, e condições sócio-econômicas pré-hispânicas subsistiram por um longo período.

Seria possível adicionar mais a esse global e compreensivo mapa, mas o que foi dito já é suficiente, penso eu, para demonstrar um padrão. Qual é esse padrão? Essa questão é facilmente respondida se produzirmos um mapa adicional com novas informações. Esses espaços, cujas histórias e paisagens são tão cheias de peculiaridades, pertencem, com poucas exceções, a áreas que eram fronteiras de guerra no século XV e início do XVI, ou seja, no fim do período pós-clássico. Por fronteiras de guerra entende-se zonas com precedentes de conflitos armados ou com o potencial de ocorrer uma guerra a qualquer momento. A maioria des-

sas fronteiras de guerra era localizada onde a Tríplice Aliança defrontou outros poderes políticos. Elas eram zonas de conflito bélico quando os espanhóis chegaram. Todas elas encontravam-se dentro dos limites da Mesoamérica. Elas podem ser rotuladas como as *fronteiras internas* da Mesoamérica. As fronteiras marginais, externas, ou postos avançados eram de uma natureza diferente.

Essas *fronteiras internas* eram espaços virtualmente inabitados, ou pelo menos não possuíam povoados consolidados (o que não quer dizer que eles não tenham sido povoados no passado distante: considere-se o caso de Cantona, na bacia de Salado). Se algumas populações existiram dentro dessas *fronteiras internas*, elas eram dispersas e propensas à mobilidade, como foi o caso dos Otomi, presentes em muitas das áreas examinadas. Essas áreas quase vazias atuavam como zonas de pára-choque entre senhorios que, em outras ocasiões, se confrontariam diretamente. Sem surpresa, a mais notável dessas zonas era a fronteira entre a Tríplice Aliança e Michoacán, dois estados com desconfiança mútua e grande peso político, e as fronteiras dentre os senhorios de Tlaxcala, cuja posição crítica é bem conhecida. Tanto a arqueologia quanto a história fornecem dados importantes para definir e caracterizar essas visíveis fronteiras, e não há dificuldade em combinar informações de outras fontes, principalmente políticas, com a informação que eu apresentei aqui, principalmente de natureza geográfica. Outras *fronteiras internas,* como as dos Tututepec independente ou as dos senhorios ou principados zapotecas, são menos conhecidas, mas proveitosamente esclarecidas por dados geográficos e ambientais, como os discutidos acima. A situação no Gradiente do Pacífico é infelizmente menos conhecida.

Os espanhóis não ocuparam imediatamente essas zonas de fronteira — com a compreensível exceção do vale da Puebla e o Salado Poblano — porque a falta de população tributária tornou essas áreas não-atrativas. O colapso demográfico do século XVI agudizou esta situação com a expansão de áreas despovoadas. Foi durante os próximos dois séculos que esses espaços vazios foram gradualmente ocupados com agricultura e pecuária espanhóis. Quando os *pueblos de indios* superaram o declínio demográfico, principalmente depois da segunda metade do século XVII, eles também se tornaram interessados nesses espaços e patrocinaram o estabelecimento de novos *pueblos* como dependências ou derivações dos *pueblos* mais antigos. Outros processos de ocupação ou colonização ocorreram posteriormente, muito dinâmicos desde o meio do século XIX até os dias de hoje. O resultado é tal que hoje essas zonas não diferem muito das áreas vizinhas —aparentemente. Mas elas não podem ser olhadas com os mesmos olhos uma vez que suas histórias particulares são conhecidas. Suas histórias ambientais, particularmente, passaram por caminhos especiais, com tempo e pontos de inflexão próprios.

Levando em conta esta evidência, chegou o momento de tentar avaliá-la em face de generalizações mais populares e dos paradigmas predominantes da história ambiental. Alguns pontos merecem certo debate.

O primeiro ponto é a cronologia. Todos os casos examinados nesse trabalho revelam processos ambientais específicos (ou suas diferentes combinações), tais como baixa intensidade de ocupação da terra, povoamento descontinuo, sobrevivência ou regeneração da cobertura vegetal (inclusive pastos e florestas), introdução tardia da economia extrativa, etc. Esse conjunto de fatores determina um calendário de eventos que pode não ser válido noutro lugar qualquer, e vice-versa. Conseqüentemente, algumas questões importantes aparecem. Quais são as datas chaves e períodos definitivos na história ambiental do México? Como e quando um limite entre os períodos pré-hispânico e colonial pode ser considerado, uma vez que se trate de história ambiental? Há sentido em desenhar tal limite tão radicalmente, como tem sido freqüentemente feito?

O segundo ponto é a regionalização. É bem claro que há diferenças substanciais de natureza geográfica entre grandes componentes do espaço Mexicano, como o México Central e o Gradiente do Golfo: não pode haver uma única e singular história ambiental para espaços tão diferentes nas suas relações ecológicas. Também é claro que áreas naturais — clima, solo, biotas — têm um papel fundamental neste contexto. Mas eu gostaria de focalizar um nível mais local. Regionalização é um processo histórico tanto quanto uma ferramenta de explicação. A maioria das regiões tem sido definida baseando-se em critérios culturais e econômicos, e isso forneceu referências que podem ser muito apropriadas a alguns contextos — por exemplo, a história econômica ou social de uma certa região — mas também é possível que essas referências sejam inapropriadas. Fronteiras de guerra, como as estudadas aqui, pouco servirão como espaços regionais — elas seriam, no máximo, zonas marginais dentro de regiões vizinhas —, mas ainda sim há razões para argumentar que elas constituem um capítulo particular na história ambiental. Portanto, surgem mais algumas questões. Qual critério deve determinar a regionalização (ou melhor, diferenciação espacial) dentro da história ambiental? Qual se adapta melhor à história ambiental, um mapa de regiões, ou um mapa de densidades demográficas? Como será delineada a geografia histórica ambiental?

Talvez essa pequena discussão possa ser finalizada dizendo que o caso das fronteiras de guerra ou *fronteiras internas* estudadas neste trabalho são atípicas, ou excepcionais, e que elas, portanto, não são conflitantes com visões gerais. De fato esses casos são, até certo ponto, excepcionais. Mas nem tanto, já que as guerras não eram uma ocorrência atípica nos tempos pré-hispânicos. Conseqüentemente, fronteiras de guerra também não eram incomuns. Além disso, do ponto de vista eco-

nômico, nos locais em que os obstáculos à integração (tanto econômica quanto política ou de uma forma diferente) são significantes, *fronteiras internas* são defensavelmente mais importantes. A Nova Espanha, em seus primórdios, enfrentou tais obstáculos e foi entrecruzada por uma multidão de barreiras, velhas e novas.[10] Pesquisa em áreas menos conhecidas, tais como a Huasteca, a Serra Mazateca, e o Gradiente do Pacífico vão certamente somar mais evidências ao longo das mesmas tendências.[11]

É hora de terminar esse artigo, e eu me limitarei em pôr a evidência sobre a mesa, uma evidência que retrata a imagem de certos processos sócio-ambientais não incomuns na história dessa parte do continente. Ainda é preciso descobrir o quão ordinários ou excepcionais eles são. Eu acredito que eles representam um capítulo importante na história do México, mas eu não proponho um novo paradigma para se opor ao que está em vigor. Pelo contrário, a diversidade dos casos deve chamar nossa atenção para a variedade de situações, a maioria provavelmente ainda desconhecida por nós, que estão para serem descobertas na história ambiental mexicana. Em minha opinião, é necessário prestar mais atenção à história do povoamento, e buscar uma leitura melhor e mais sofisticada do espaço, a fim de obter uma melhor compreensão das particularidades da história ambiental. As perspectivas da geografia histórica podem ser bastante úteis para esse fim.[12] Meu comentário final é que eu suspeito que o momento ainda não está maduro para propor ou aceitar quaisquer tipos de generalizações ou paradigmas.

---

10 Ross Hassig, *Trade, tribute, and transportation: The 16th century political economy of the Valley of Mexico.* Norman, University of Oklahoma Press, 1985.

11 Há outras fronteiras comparáveis em espaços mais reduzidos, não entre as grandes unidades de expansão política, mas entre inúmeros senhorios o principados específicos, cujas histórias particulares são cheias de migrações, conquistas, e guerras. Todos elas eram pequenas fronteiras de guerra com pequenas guerras; ou até mesmo sem guerras, mas de qualquer forma apropriados à concepção pré-hispânica de uma fronteira política: um espaço relativamente desocupado. De fato, o estudo das senhorios ou principados pré-hispânicos (e também as de *pueblos de indios coloniales*) ilustram seus limites, que normalmente eram franjas de *montes*, sem qualquer pretensão de uma linha precisa ou definida. Além do mais, isso era desnecessário na medida em que a coesão social e política baseava-se em princípios de associação pessoal e não territorial. Assim, zonas de fronteiras entre cada *pueblo* deveriam ser relevantes em uma escala geográfica pequena e para uma história ambiental que presta atenção a pequenas variações e microambientes. Esse aspecto da vida pré-hispânica na Mesoamérica foi apagada pela *pax hispanica* e pelo conceito europeu de fronteiras territoriais.

12 Bernardo García Martínez, "En busca de la geografía histórica", en *Relaciones: Estudios de historia y sociedad*, xix [75] (verano 1998), 25-58.

Mapa 1 - Primeiro concentrado de mapas particulares (que não se incluem neste artigo). Os pontilhados identificam as zonas da bacia do Lerma e a borda ocidental do Vale de Toluca comentadas no texto.

Mapa 2 - Segundo concentrado de mapas particulares. Acrescenta ao mapa anterior pontilhados adicionais que identificam as zonas do piemonte da Vertiente del Golfo de Córdoba ao sudeste.

Mapa 3 - Terceiro concentrado de mapas particulares. Acrescenta ao mapa anterior a identificação de outras zonas comentadas no texto: o Valle de Puebla, o Salado Poblano e a área de Tututepec

Mapa 4 - Mapa de conjunto. Acrescenta-se ao conjunto dos mapas anteriores, a delimitação dos mais proeminentes estados pré-hispânicos. Trata-se fundamentalmente de fronteiras de guerra que compreendiam margens despovoadas.